

AO NORTE, AO CHÃO



Ao norte, ao chão

Láís Ferreira



© Moinhos, 2017.
© Laís Ferreira, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Serviços Editoriais

Capa:
Sérgio Ricardo

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

O48a
Oliveira, Laís Ferreira | Ao norte, ao chão
ISBN 978-85-92579-50-0
CDD 869.91
Índices para catálogo sistemático
1. Poesia 2. Poesia Brasileira I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 56 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Belo Horizonte — MG

editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

Sumário

A maré,	7
Hoje não falaremos de amor,	8
Percurso,	10
A pesca,	12
Baía,	14
Breve será dezembro,	15
Copas,	17
Cordeiro de São João,	18
Bilhete,	20
Capão Raso,	22
Dois vales,	23
Este novembro,	24
Formatura,	25
Impedimento,	26
Rua São João,	27
Motim,	28
O chamado,	29
Oriente,	31
Os sem nomes do amor,	32

Pérola, 34
Prática um, 35
Prece na ilha, 36
Previsão, 37
Quadrilha, 38
Retorno, 39
Revoada, 40
Ribeirão, 41
Rabisco, 42
Simpatia, 43
Soleira, 44
Última canção de adeus, 45
Começo, 47
Sudoeste, 48
Voo rasteiro, 49
Vizinhança, 50
Uma canção de amor, 51

A maré

Neste volume dos bolsos, aguardo
um maço de lenços, um raio
para que se ilumine, irradie
a junção das vértebras

a instabilidade dos homens,
a estabilidade tardia da fé.
Meus amigos foram às ilhas,
ilhas se perdem na paisagem

enquanto ainda a chamamos
sabendo que há fronteira, tráfego
lixo amontoado, as liquidações
a insistirem que a continuidade

constitui um sentença sem juiz.
Amanhã virá, é claro, o sol
estará lá, como o mar e a terra
talvez mais sujos, talvez o barro

não apareça tanto. As marés
parecem dizer algo de amor.
Hoje se cruza a costa, navega-se
amanhã, impossível molhar os pés.

Hoje não falaremos de amor

Hoje não falaremos de amor.
Não que não nos interesse:
é claro, na manhã passada
um beija-flor alcançou a beira

do nono andar. A escuta
alcançou a paciência do outro.
Trançamos nossos cabelos,
os rostos pedem este vento

calma e alguma ternura.
Mas não falaremos de amor.
Os homens estão errados,
as flores morrem na rua

e nos livros que lemos
a realidade parece incrédula
frente à própria ficção.
A palavra segue no bolso

como um recado, receita
para cozinhar legumes
sem que percam a água
proteínas. Hoje, quebramos

o primeiro ovo podre
desde quando partilhamos
este alimento, esta esperança.
Mas não falaremos de amor.

O que nos cerra os olhos
revela o imenso brilho plural
que nos visita. Este mistério
é mais amável e frágil

que nossas palavras surdas
apreenderam nos índices
prontos do mundo. Amar
é escapar à própria fala.

Percurso

Esta é a estranha ternura
dos versos. Sempre em
devir. Nunca sequentes
lógicos instrutores firmes

ordenadores de um mundo
aqui fragmentado. A divisa
de um verso é um abismo,
um vale fundo de um rio,

que hoje acolhe a sede,
amanhã o caminho curto
dos pés até a outra margem.
Estes pequenos degraus

às vezes cansam, outras
noites permitem sentar,
refrescar na ardósia fria,
fortalecer estas pernas.

Um verso é próximo ao chão,
embora se escalone ao céu.
O verso reconfigura a distância:
aproximam-se esses países

e esta quebra elide mapas.
O nome do amor observa:
à margem esquerda se apoia
e sabe do ombro a extremidade

semelhante a esta linha
em que não vamos ao fim
para que se possa respirar
e haja ainda o que seguir.

A pesca

Ontem um professor me disse
que só 2 entre 10 pescadores
sabem e se arriscam a nadar.
Como uma espécie solene

de respeito, os corpos atentos
apreenderam a gravidade nula
do que lhes sustenta. O berço
próprio da vida, onde mergulhar

seria arranhar a membrana. Beber
do sangue que corre nas veias,
sorver das vigas que sustentam
a casa, o sonho, a persistência.

Nesta beira, há algo próximo
à matéria do amor. Deste lado,
a imagem cuidadosa é cristalina,
um instrumento que agora penteia,

reflete e trança os cabelos.
Submergir, porém, talharia finas
assinaturas, datas, dois pedidos
em que não mais se veria a manhã

com esta luz que nos envolve
sem que seja necessário fogo,
casca, poeira ou outro artifício.
A matéria do amor se apresenta

como as redes, as iscas, as buscas
próximas ao mar. Estas mãos
apenas seguem nos bolsos e veem
sal e ondas no cultivo do outro.